
Nota:

Recorte do Jornal do Brasil

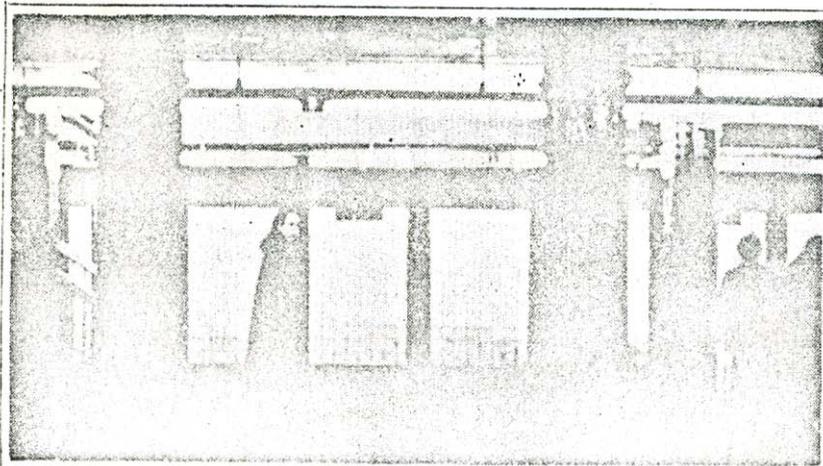
Matéria publicada na edição de 03 de Dezembro de 1977

Autor: Roberto Pontual

Fonte: Arquivo Pessoal de Geraldo Porto

DO BRASIL □ Rio de Janeiro, sábado, 3 de dezembro de 1977

Artes Plásticas



ANNA BELLA GEIGER / detalhe de sequência fotográfica / 1975

VIAGEM AO REINO DE CAMPINAS

Roberto Pontual

NO artigo anterior, relatei, resumidamente, as 10 intervenções centrais do seminário Política e Processos de Amostragem da Arte, realizada há pouco em Campinas, como parte de seu XI Salão de Arte Contemporânea. Comento hoje aspectos de interesse percebidos no desenrolar do evento. Apesar do público reduzido e diluído que a ele compareceu, numa média de 30 pessoas por seção, impressionaram ali

algumas intervenções pontuais. Primeiramente, surpreendeu a atenção com que todos ouviram a leitura de cada texto, sempre extensos e densos: no total, terão sido lidas mais de 120 páginas, com análises às vezes bastante complexas. A fórmula da leitura comentada de textos serviu para contornar um defeito de improvisação que ainda se viu nas sequências de debates sobre a cultura brasileira, postas em cena pelos teatros Casa Grande, do Rio, e Ruth Escobar, de São Paulo, entre 1975 e 1976. Se estas foram oportunas, pelas circunstâncias do momento — era hora de forçar a abertura — não chegaram a produzir efeitos maiores, por falta de sistematização do encontro. Falou-se muito, de improviso; perguntou-se muito, também, com uma carga de emoção e ingenuidade derivada de tanto tempo de silêncio e autocensura.

Passados dois anos, as coisas parecem ter mudado — e para melhor. Em Campinas, além de acompanhar frase por frase a leitura dos textos previamente preparados por José Resende, Olívio Tavares de Araújo, Frederico Moraes, Lóio Pérsio, Anna Bella Geiger, Radha Abramo, Fábio Magalhães, Aline Figueiredo, Aracy Amaral e este redator, o pequeno, mas disposto público a eles respondeu de maneira instigante. Já não se anotou ali um tipo de intervenção comum em debates nessa área, com perguntas de ninharia, dúvidas bizantinas, exibicionismos de atitude ou de linguagem.

mento global foi bem menor do que poderia ter sido, se corrigidas falhas na estrutura do seminário, e que questões muito pessoais ocorreram com alguma frequência. Mas isto não impediu que o público reagisse quase sempre com uma auspiciosa demonstração de interesse e preparo, à vontade para ouvir e questionar ao longo das cinco sessões noturnas, que nunca se encerraram antes de três horas de duração. A vontade até para propor,

de amostragem da arte, como aconteceu no último dia.

É provável que um dos motivos principais para essa assumida seriedade de discussão esteja em que ela corresponde a uma atmosfera crescente entre nós no momento. O abandono do subjetivamente festivo pelo objetivamente empenhado, visível aqui e ali, vai abrindo caminho também no rarefeito território da arte. A brecha deixa passar situações novas — e, destas, a que o seminário de Campinas demonstrou com maior clareza foi a tentativa de superar a antiga abordagem isolada da obra de arte, de modo a colocá-la agora, urgentemente, em contexto. Em outras palavras: o preparo para o salto do sensível ao ideológico. E nenhuma palavra se ouviu mais frequentemente nos textos e debates do que ideologia ou derivadas. Curioso é que, na mesma semana, coisa praticamente idêntica sucedia no Encontro Nacional de Escultores, em Ouro Preto. No meio de muita indagação, sintomáticas foram certas frases que ali se ouviram: "Escultura e golabada são a mesma coisa?" Ou: "Escultura não interessa. As prioridades estão com as propostas e a educação". E, ainda: "Até que ponto a arte, em si, tem validade?"

Dai porque o confronto mais árduo em Campinas ocorreu sempre que se levantou a questão do artista campineiro. Já na abertura do seminário, começaram a definir-se as posições. De um lado, estavam águies artistas quelxosos de que o Salão

mente, não lhes tem dado a atenção devida; do outro, os patrocinadores e organizadores do evento, para os quais a cidade não pode mais ceder à tentação do provincianismo e se fechar num círculo de estrita proteção do que é seu apenas por nascença ou residência. Na penúltima seção, o pintor e professor Bernardo Caro pediu para ler um comunicado seu, como campineiro, a respeito do seminário em desenvolvimento. Ao fazê-lo, afirmou que a ausência quase total de artistas da cidade no evento decorria de que eles estavam se sentindo rejeitados em sua própria casa. Onde mostrar trabalhos se o importante passava a ser a indagação em torno das formas tradicionais de amostragem? No fundo, o sentimento era diretamente reivindicatório: o artista de Campinas quer o Salão de Arte Contemporânea de Campinas para si. E o quer em termos antigos, porque antiga continua sendo sua maneira de encerrar a arte.

Não percebe o benefício que o Salão pode trazer-lhe exatamente na medida em que rechaça o fechamento provinciano e se volta para o máximo possível de atualização. Como se disse, em resposta a essa recusa local: à proporção que Campinas deixa de ser província, o velho (independente da idade) artista campineiro sente a terra desaparecer aos seus pés. E, atordoado, insiste mais ainda em que lhe fazem boicote. Esquece que seu trabalho está cada vez mais fora de sintonia com as próprias necessidades novas da cidade.

POR isso, também, ele recusou compreender a proposta do Varejão, em que terminaram se concentrando as atividades de intervenção urbana previstas como lado prático do XI Salão de Arte Contemporânea de Campinas. Na estreia dos Domingos da Criação, em 1971, no MAM do Rio, a ideia básica do Varejão residia em trazer para um espaço tradicionalmente "artístico" — o teatro de arena do Centro de Convivência Cultural de Campinas — uma feira de frutas e legumes contratada com a Ceasa. E a ela misturar participações culturais de variada ordem: bandas, corais, violeiros, além de trabalhos no âmbito das artes visuais. As frutas, os legumes, as bandas, o coral e os violeiros vieram — mas os artistas, não. Ou, nos dois casos de sua presença, vieram para protestar contra o que lhes parecia uma mistura herética. Onde já se viu arte e hortifrúti-granjeiro juntos? Nem se deram ao esforço de analisar as intenções maiores da proposta, a sua crítica e ironia implícitas. Simplesmente a negaram, com medo da propagação do exemplo.

No debate conclusivo do seminário, todos esses tópicos ebullentes atingiram estado de explosão. Apesar dos novos convidados — Germano Blum, representando a Funarte; Walter Mello, da Fundação Cultural do Distrito Federal; Rubens Gerchman, da Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro; o arquiteto Fábio Pentead, autor do

desfigurado projeto do Centro de Convivência; os marchands Antonio Maluf e Jean Boghici; e o jovem e n h i s t a campineiro Paulo de Tarsó Viana de Souza — não foi o breve depoimento de cada um deles sobre mercado, ensino, crítica ou museu o que acendeu verdadeiramente um debate de mais de quatro horas. A chama esteve nos golpes de maçarico travados entre facções divergentes de artistas de Campinas. Ai, então, um público bem maior, de quase 150 pessoas, assistiu a serem-se fendas entre e novas atitudes, en-

tre o comodismo e a inquietude. Foi como uma terapia de grupo, um primeiro instante de confronto franco, cujo emocionalismo a mesa só a custo conseguiu canalizar. Confronto de que se podem esperar agora repercussões certamente positivas para o arejamento do ambiente local.

O fato é que a participação, nesse último debate, de um bom grupo de estudantes de arte e de arquitetura, de Campinas ou São Paulo, deu caminho novo ao evento, insistindo mais ainda em deixar de lado as velhas discussões

esotéricas em torno do específico da arte. De tudo, o que se tira de significativo é o sintoma de que está voltando à tona o clima de indagação e debate que dera uma primeira impressão de força lá pelo final de 1975, mas que logo em seguida se atenuara até o evanescimento. O reino da evasão e do conforto parece mais uma vez posto à prova no circuito da arte. Há um reino novo, acenando lá longe. Dele só se sabe a sua vontade de afirmar um conceito menos ocioso para o trabalho e a situação do artista no complexo social.